

Título Original: MARCIA HAYDÉE	Categoria: Longa Doc
Ano de Produção: 2018	Destinação: TV-FECHADA
Produtora: INDIANA PRODUÇÕES	Duração Do filme: 80 min.
Distribuidor: RioFilme e Anagrama Filmes	Diretor: Daniela Kallmann

Eu digo
que eu nasci pra dançar.

Dizem que quando

eu tinha três anos,

eu ouvia uma música no rádio

saía dançando.

E pegava sempre um véu

ou um xale, dando um espetáculo.

Meu avô quando eu nasci,

ele disse pra mamãe,

Temos que tomar cuidado

o nome que escolhemos pra ela.

“Porque se algum dia ela

for uma grande artista,

tem que ter um nome que você

pode falar em qualquer idioma.”

Então escolheu Márcia Haydée.

E ele que fez o desenho

da minha assinatura

que até hoje eu tenho.

Eu morei em Niterói
até a idade dos 6 anos.

E quando mamãe
então nós viemos morar aqui
no Rio de Janeiro.

Eu não tive problema quando
minha mãe se separou do meu pai,
do Alcides Pereira,
e se casou com Athayde Lopes,
que também era médico.

Eu nunca tive problema
porque já tava em outra.

Eu via meu pai
todos os domingos.

Eu dizia pra ele,
"Papai eu quero dançar."

Ele disse, "Mas dançar Márcia,
não é uma profissão."

E eu digo,
"É uma profissão sim."

Até que um dia que ele disse:

Bom, você não vai
ser médica mesmo."

Enquanto que meu Athayde Lopes
desde o, do princípio,

ele viu que eu queria dançar,
ele e minha mãe me apoiaram
com meu avô, com minha avó.

E me empurraram
pra eu fazer o que eu quisesse.

Iam muitas companhias estrangeiras
ao Teatro Municipal.

Mamãe sempre...
ia a todos os espetáculos.

E quando era ballet
ela sempre me trazia.

A preparação pra eu vir
ao teatro era muito especial.

Eu tinha um sapatinho preto
de verniz com minha branca,
tinha uns vestido
que estavam todos engomados,

tinha um laço assim na cabeça,

tinha luvinhas,

tinha minha bolsinha.

E isso são coisas

que eu não me esqueço.

Primeiro professor que eu tive

foi Yuco Lindberg.

E depois,

aquele que de verdade,

me formou, foi Vaslav Veltchek.

Fale mais devagar, que não te entendo.

Você está muito “chileno”.

Eu estou no Brasil.

O tempo que eu passei

aqui no teatro

eu gostei muito,

eu aprendi muito aqui.

Eu estava no corpo de baile,

eu disse, "Um dia

eu vou ser também

uma grande primeira bailarina."

Isso eu sempre disse,

desde pequenininha.

Mas eu não pensava,

que não fosse fazer

minha carreira no Brasil, né.

Eu sabia o que eu queria fazer,

mas não como que eu ia chegar

a realizar o meu sonho.

Isso foi a vida

que me empurrou pra Europa.

Uma pessoa que foi muito

importante na minha vida,

foi Bibi Ferreira.

Trepa no coqueiro, tira coco

Gipi-gipi, nheco-nheco

No coqueiro oi-li-rá!

Trepa no coqueiro

Tira coco...

Toda a família da Bibi,

era muito amiga

da minha família.

Eu ia assistir

todos os espetáculos dela.

Bibi sabia,
que eu queria ser bailarina
e queria fazer carreira.

E houve um jantar
com Michael Powell.

Que Michael Powell,
foi o diretor de uma--

O que eu acho
que é a melhor...

O melhor filme
de ballet que já foi feito.

The Red Shoes.

Com Moira Shearer,
que era a primeira bailarina
do Royal Ballet.

Foi o seguinte,
eu fiz um filme,
e os produtores eram

Emeric Pressburger
e Michael Powell.

E, eles estavam passando

pelo Brasil,
e quiseram jantar comigo
mas eu não podia oferecer jantar
que minha casa, eu tava mudando.

A Márcia, quer dizer
ou melhor a Dedê,

a mãe da Márcia, disse:

"Venham jantar lá em casa."

Dedê deu um jantar magnífico,

e o Emeric Pressburger

e o Michael Powell

só olhavam pra Marcia.

E diziam, "Meu Deus,

é o físico perfeito da bailarina. "

Eu digo, "Tem que ver dançar."

E ela fez as cinco posições

da dança com os Port de bras.

E foi uma maravilha.

Depois que ele

foi embora,

depois de um mês

ou dois meses
eu recebi uma carta do diretor
Arnold Haskell do Royal Ballet.
E que me convidava
para ir para escola.

Se não fosse a visão
de papai e mamãe,

porque o pai
da Márcia era contra
que ela fosse para Londres.

Nós estamos falando de 1952,
então uma distância
muito grande.

Se parava em Dakar.

Era Rio, Dakar. Dakar, Europa.

Então era um dia
e meio de viagem.

Ela tinha 16 anos,
15 para 16 anos de idade.

Mamãe realmente teve
tanto foco quanto a Márcia,

então foi uma parceria ai,
maravilhosa entre as duas.
Havia uma troca de cartas bem
intensa entre mamãe e Márcia.
Era muito caro os telefonemas,
então era uma carta
por semana, no mínimo.

"Londres,

8 de fevereiro de 1955.
Querida mamãe,

Tenho ido muito

ao Covent Garden

e vi a Fonteyn em Giselle.

De fato,

ela é a maior Giselle que já vi,
principalmente no primeiro ato.

Estou louca

pra dançar no palco,

pois depois que vi

Violetta Elvin e Giselle,

sei que poderia dançar

muito melhor do que ela.

Ela é tudo o que você quiser.

Hoje assisti no Saddlers,
ao ensaio de Barry Grey
em Lago dos Cisnes.

Ela tem uma grande técnica e só.
Não faz nenhuma diferença
entre Odette..."

"Londres, abril de 1955.

Mamãe, hoje depois da aula eu
estava me sentindo tão cansada
e tão farta de tudo aqui,

que fui pedir a Miss Edris
para me dispensar das aulas.

Ela viu que tinha
alguma coisa errada comigo,
e quando me perguntou,
comecei a chorar.

Não achei que era hora de dizer
que eu queria dançar no palco.

Ela me explicou que meu
trabalho está muito bom,
tenho progredido muito,
mas que eu ainda não
estava 'strong enough'

para ir para o Theater Class.

Se ela acha que não estou
preparada para o Theater Class,
como vai achar que estou
pronta para dançar no palco
É isso que me faz ficar
nesse estado de nervos."

Foi difícil
mas eu estava tão contente
de estar na Inglaterra,
tão contente de aprender,
mais sobre a dança,
sobre outro estilo de dançar.

Depois do Royal Ballet,
disseram Márcia,
uma companhia boa para você
é o Marquis de Cuevas,
que estava em Paris.

Como é que foi
esta estória aqui Márcia?
Por que você estava
gordinha aqui?

Eu fui pra França,
e ai eu cheguei no Marquis
e o Marquis disse,
"Ainda não tenho...
a posição...
não tenho contrato
pra você livre."
Então, eu fiquei esperando.
Fiquei esperando um ano.
Meu pai não estava
querendo pagar nada,
porque ele queria que eu fosse
médica e não bailarina.

E o Athayde é que tava
pagando por tudo né.
hotel, comida, aula.
Então eu tava comendo o quê?
Baguete com rillettes,
baguete com salame--
E quando eu tava
a mais gorda de todos...

o Marquis diz,
"Pode vir amanhã."
E eu desesperada
me vesti toda de preto.
Cheguei lá,
tava fazendo aula,
e ele olhou e disse, "Não
te reconheço, você não é--"
-porque eu tava assim...
aqui tava...
Aqui eu já tava mais magrinha,
eu tava mais gorda que isso.
Eu disse, "Não senhor,
eu não aceito não
que o senhor não me...
não me dê o contrato."
E ele ficou me olhando,
e a Rosela então
que era a primeira bailarina
da companhia disse,
"Marquis ela tem toda razão.
Temos que dar
uma oportunidade a ela

porque é culpa nossa

que ela engordou."

Ai o Marquis disse, "Tá bom,

então amanhã você vem."

Foi assim que eu entrei

na companhia.

"Querida mamãe,

estou contentíssima

de estar na companhia

depois de tantas preocupações.

Embarcamos para a Itália,

depois Biarritz, Deauville,

e finalmente

ao festival de Edinburgh.

Já estou dançando em Lago,

Sylphide, Giselle.

Sou substituta em Danúbio Azul,

Constantine...

Fiquei muito contente,

pois o ballet é formidável.

Já estou no corpo de baile

de todos os ballets

da companhia.

E já aprendi todos os solos.

É por isso

que gostam tanto de mim,

sabem que se alguém cair doente,

posso substituí-la."

Eu fazia minha aula,

fazia o espetáculo,

depois saía com o grupo,

íamos para discotecas,

e tomávamos vinhos,

eu fiz um...

Aproveitei a juventude.

Não é que eu fiquei somente,

"Vou dançar, dançar."

Não. Nunca fui assim.

"Canne, 1º de março de 1961.

Queridos vovô e vovó,

estávamos ensaiando, quando

a direção da companhia

veio nos anunciar,
que o Marquis havia morrido.
Foi um choque muito grande,
porque apesar de saber
que ele estava pra morrer,
não esperávamos
que acontecesse agora.
Não sabemos o que vai se passar
com a companhia.
Parece que vai acabar depois
da temporada em Paris."

Eu tinha um namorado
que era um cubano,
que estava no Marquis de Cuevas,
e que foi pra Stuttgart,
porque tinha ouvido
que o John Cranko
ia tomar a direção.
Foi ele que me levou
pra Stuttgart.

Faça isso.

1, 2, 3, 4

vire-se, vire-se, vire-se.

Era um coreógrafo fantástico.

Mas pra dar aula,

ele fazia a coreografia na aula.

E aí se tornava meio complicado,

porque a combinação de passos

que ele punha,

era muito estranha.

Não é uma aula normal.

E a companhia não entendia bem.

Mas comigo,

eu entendia o que ele queria.

Depois da aula ele disse,

“Márcia, eu quero você

aqui na companhia.”

Eu tinha, no dia seguinte,

que fazer uma audição.

No palco com tutu,

com maquiagem, com coroinha.

De alguma coisa

que eu tivesse dançado.

E lá estava eu no palco,
naquele teatro enorme.

Só tinha quatro pessoas
sentadas na plateia.

E eu fiz as variações,
fiz o pas de deux, fiz tudo.

E depois o Cranko disse,

"Vai pro camarim
e espera que eu, eu te digo."

Esperei 1 hora, 2 horas.
Depois ele chega e diz,

"Márcia, você é minha
primeira bailarina.

Você tem contrato
de primeira bailarina."

Eu fiquei...

Ele disse, "Olha,
o diretor não queria não.

O diretor do teatro não queria.

Disse que você não é conhecida,
que você não tem presença."

Ele não sabia porque que ele--
que o Cranko me queria ali, né.

E o Cranko disse, "Ela,
senão eu vou-me embora."

E foi aí, que começou
a minha grande vida.

Esse aqui é o lugar
mais importante da minha vida.

O teatro que me deu
todas as oportunidades.

Me fez grande,
me fez conhecida, famosa.

Os 13 anos que eu passei,
que o Cranko era diretor aqui.
Esse é o centro do meu coração.

É esse teatro.

Esse é o estúdio
que o Cranko formou tudo.

Fez todas as coreografias aqui.

Então. A variação de Marcia, por favor.

Se ela teve
esse susto da noite pro dia
ter virado primeira bailarina,

ela com certeza fez muito...

por ser. Agora,

ela encontrou um...

um anjo, uma luz perto dela,

que soube tirar dela,

toda a arte

e toda, talvez essa luz,

que estava dentro dela.

O Cranko soube tirar,

soube fazer ela desabrochar.

Nossa, que encontro...

dos deuses né.

Que encontro maravilhoso.

Cranko e Márcia Haydée.

Transformou a história

da dança no mundo.

Essa é que é a verdade.

veio com uma violência

dentro do ballet clássico

porque ele tinha uma Márcia.

Ah! "O Cranko fez a Márcia."

"A Márcia fez o Cranko."

Não importa.

A Márcia era a Márcia

e sempre será!

Única!

Um vulcão!

Uma explosão,

contida, no planeta inteiro,

entendeu?

Ela o inspirou a buscarem o equilíbrio juntos,

porque ela podia utilizar o material e realizar os passos.

Muita gente, muitas pessoas no mundo podem fazer os passos da dança,

realmente bem, parecem fantásticas, corpos excepcionais, tudo isso,

mas pouquíssimas pessoas podem dançar

e é isso que Márcia podia fazer.

Ela podia se expressar através da dança.

Ela usa técnica, conhecimento e experiência

como meios para atingir um objetivo maior

e não como aspectos que são importantes somente em si mesmos.

É o chão, os sapatos ou você?

É você.

Sim.

E...

Pare, pare. De novo. E...

Eu queria ser

uma bailarina clássica.

Eu queria fazer a Giselle,

As Belas, O Lago dos Cisnes,

tudo o que era clássico.

Foi depois

que eu encontrei o Cranko,

que aí veio o outro lado.

Diziam que eu era

a Callas da dança

porque eu gostava

de interpretar papéis.

E mais eu interpretava,

mais capacidade eu tinha.

Fiz essa carreira

tão grande,

foi porque os coreógrafos

criaram tudo para mim

senão eu não teria

ficado no ballet não.

Era uma criação, né?

Na sala está o coreógrafo,
está o pianista, e você está aí.

E o coreógrafo olha
e começa a por cores em você.

É como se fosse pintar,
ele estava pintando né.

"Depois do ensaio
vieram me felicitar.

O mais interessante,

é que todos esses são
os que haviam estado contra mim,
quando Cranko insistiu
que me queria.

Os dois, os mesmos
que disseram a Cranko
que queriam alguém com nome
e não uma desconhecida como eu
foram felicitar Cranko
e disseram estar orgulhosos
de me terem no teatro.

E que compreendiam
mais do que nunca,

porque Cranko insistiu tanto
pra que eu fosse contratada.
Cranko que me disse, que eu
tive um sucesso fantástico,
e que todos no teatro
me consideravam
como uma verdadeira 'ballerina'.

Fazer o que Márcia fazia...
ninguém faz.
A gente faz a mesma coreografia,
tenta...
interpretar exatamente
o que o personagem exige.
Mas ver os movimentos de Márcia,
ver como ela dançava,
não existe outra
e não vai existir.
A gente põe nosso melhor, mas...
cada vez que você vê Márcia,
você fala: Ah"

Era isso."

Porque ela tem um magnetismo especial.

Márcia entra no cenário faz assim com a mão

e você morre!

Porque é especial.

É impressionante!

A simplicidade da técnica junto

com a liberdade artística,

com a alma imoral.

Ela é a pura transgressão.

E como é que pode, uma pessoa

do mundo clássico

ser tão transgressora.

Uma tarde, a cantina estava muito vazia e eu, por acaso, estava sentado lá sozinho.

E essa mulher, que era evidentemente o jeito que ela andava, o jeito que ela se vestia,

ela usava botas e estava com uma mini saia.

Eu pensei: Acabou de entrar alguém especial.

Ela meio que olhou ao redor, viu que ninguém estava lá, e então veio até mim.

Ela se sentou e disse:

“Você é o novo garoto, o novo garoto do Canadá?”

E eu disse: -Sim, eu sou. “-Oh eu dancei no Canadá”
E então, ela tirou a bota, colocou o pé dela no meu colo e disse:

“Bem, massageie meus pés e fale comigo sobre o Canadá”.

Foi assim que eu conheci a Márcia.

E eu tinha dezenove anos então.
Através daquela apresentação, ela realmente me ajudou

a me sentir em casa e muito confortável. Eu pensei: Uau isso é algo novo!

Eu não estava acostumado com aquilo, uma naturalidade
que com certeza ela tinha.

E isso era importante na época do Stuttgart Ballet,
ela era o "calor" da companhia.

Ela acolheu a todos. E eu nunca esqueci.

Eu tinha, na época, um quarto,
que não era nem um terço deste quarto, tipo assim.

Mas eu decidi convidar Marcia para um jantar,
porém, eu não sabia cozinhar.

E então os pobres Marcia e Richard vieram ao meu pequeno quarto,
sentaram na minha cama,

e eu tinha essas comidas enlatadas que eu preparei.

Eu não acredito que eu fiz isso, mas fiz.

E a Marcia achou tudo maravilhoso.

O senso de aceitação,

o senso de tolerância,

que é realmente o que precisamos no mundo hoje.

É esse tipo de mulher que não é só uma artista,
mas uma artista porque ela é uma ótima pessoa.

A vida era dentro do teatro.

Eu posso fazer de frente.

Sim, está bem.

Eu faço deste jeito.

A vida era dentro do teatro.

Chegávamos, fazíamos nossa aula,
e ficávamos o dia inteiro
até terminar nosso trabalho.

Que tal isso?

De volta aqui.

Obrigado.

Tem algo atrasado nos passos,
mas está bem.

Eu não estava muito bem nessa parte.

Era um lugar mágico,

onde todas as nacionalidades conviviam.

Todos nós nos dávamos bem.

Eu queria que o mundo fosse assim.

Esse é brasileiro.

-Que linda!

-Como está?

Esta é a primeiríssima daqui.

É espanhola.

Ela é uma fera.

Essa é a coreana,

também primeira bailarina.

São as casas

das cidades da Alemanha.

São as verdadeiras casinhas

da cidade da Alemanha.

Eu sou o que eu sou,

claro porque

eu encontrei Cranko

mas também o Cranko sabia,

que estando na Alemanha,
eles são responsáveis,
eles gostam da arte,
Na Alemanha se você tem
dinheiro pra ir comer uma pizza
ou ir ao cinema,
ou ir ao teatro ver o ballet,
eles vão ver o ballet.
É uma coisa especial.
O teatro está sempre cheio
quando é o ballet.
Sempre.
Não tem uma cadeira sobrando.

Oh, meus pés doem tanto!

Oh ,maravilhoso!

Absolutamente maravilhoso!

Quase como uma Shangri-La.

Tinha esse pequeno lugar que ficava no meio do nada e ninguém conhecia.

Até que fomos para Nova York.

E de repente nos tornamos mundialmente famosos.

Era como ir de 0 a 100 da noite pro dia.

Sim eu acho que estamos todos impactados,
com esperança e com medo.

Eu acho que todos na companhia têm medo.

Nova Iorque é muito importante para todos nós.

É também um público difícil. Eles entendem muito de ballet.

"Nova York,

20 de maio de 1969.

Querida mamãe,

chegamos no dia 2 e no dia

seguinte foi nossa premier

no Metropolitan Opera House,

com "A Megera Domada."

Foi um sucesso!

Fizemos Onegin,

Romeu e Julieta,

além da Megera

que foi estrondoso.

O público ia ao Met

especialmente para nos ver.

E havia pelo menos
200 pessoas na bilheteria,
esperando algum bilhete
de desistência.

O teatro estava
completamente lotado.

E quando eu aparecia
no palco, era uma gritaria,
e o mesmo pro Rick.

Assim foi pela turnê inteira,
cada vez que eu
ou o Rick dançávamos.

Somos considerados
os novos Nureyev e Fonteyn.

E sou como uma nova deusa
do ballet.

Eu me lembro claramente,
daquele casal,
daquela dupla que era uma...

Aqueles corpos,
sabe, aquela força física.

E ao mesmo tempo era um...
era um casal que você não

sabia o que era o palco,

ou o que era real.

Se era um homem e uma mulher
sendo todos aqueles personagens.

Se eram dois bailarinos, sabe,
era um negócio muito potente.

Eles criaram,

um momento dentro da dança,
que foi muito importante.

Essa parceria,

de muito entrosamento,
de muita cumplicidade.

Mas era cumplicidade não só
no momento de interpretar,
porque isso
muitos bailarinos têm.

Mas eu acho que eles

conseguiram com o Cranko,
chegar numa perfeição de...

primeiro

de dificuldade técnica,

que aparentemente

parecia dificuldade,
mas que eles transmitiam
que parecia que eles
deslizavam sempre no palco.
Mas na hora de aprender,
tinha muita coisa difícil,
que nós bailarinos
não sabíamos como solucionar.

A partnership mais longa
que já existiu
na história da dança.
Foi de 1961 a 1996.
Sempre juntos.
Viajávamos juntos,
comíamos juntos,
dormíamos juntos.
Dezesseis anos,
que dançávamos e éramos casados.
Depois nos separamos.
Nós continuamos
dançando até 1996,
quando eu decidi,
sair da companhia.

Foi difícil porque o Richard,
escolheu outra maneira
de viver.
O Richard sentiu
que ele era homossexual.
Então ele me disse, "Márcia,
não posso mais estar com você."

E tínhamos seis semanas
de espetáculos,
de Romeu e Julieta,
da Megera Domada,
da Dama das Camélias,
de tudo isso,
que continuamos fazendo,
-todas as noites.

-E qual foi a sua reação?

Ah, foi muito difícil.

Por que eu tinha muita raiva.

-Posso imaginar.

-Nesses momentos era bom,

a Megera Domada.

Por que aí eu dava

no Rick no palco.

-Empurrava ele.

Isso me ajudava.

Então foi uma situação difícil

mas eu entendia

o que estava passando.

Mas levou muito tempo,

para digerir.

E ninguém sabia de nada.

Aos poucos depois

de seis, oito meses

que a coisa veio vindo à tona.

Então foi muito complicado,

foi muito difícil.

Eu vejo, com que...

soberania a Márcia lidou

com esse momento,

tão frágil da vida dela.

Tanto ela, quanto o Rick.

O partner dela preferido

era realmente Richard Cragun,

o Rick.

Ficaram 16 anos como casal,

e ao longo de 30 anos
como parceiros.

Uma cumplicidade
muito grande com ele.

Eles ensaiavam muito juntos.

Mas obviamente você quando
está nesse nível artístico,
você é convidado pelo mundo.

Então ela era convidada
pelo Rudolf Nureyev,
ela era convidada
pelo Baryshnikov.

Ela dançou com Erik Bruhn,
ela dançou com Jorge Donn.

Ela dançou
com vários bailarinos famosos.

Com Fernando Bujones,
com Anthony Dowell.

Eu também tive
uma relação muito especial
com Ray Barra
que foi o primeiro partner.

Foi um partner muito bom.

Com todos os partners

que eu dancei,

eu nunca tive medo de nada,

eu sempre me jogava.

E eles tinham que...

me tomar, me segurar

e assim aprendiam também.

Mas a relação

que eu tive com o Rick,

foi uma coisa muito

fora do comum.

Era fácil dançar,

porque ele me entendia.

Ele sabia o meu timing.

Eu sai com Richard Cragun

para vir passar

as férias no Brasil.

Uma hora depois que eu cheguei,

minha mãe me chama no quarto,

e diz: "Márcia, o Cranko morreu."

Eu não podia acreditar.

A noite anterior,

estávamos falando do futuro,
que ele já tinha preparado
pra fazer conosco novos ballets.

E tudo, da noite
pro dia desapareceu.

E ele era muito jovem, 46 anos.
Imediatamente peguei um avião
e fui de volta pra lá.

E aí a companhia,
queria que eu me tornasse
a diretora da companhia,

porque se sentiam
todos perdidos né.

E eu disse,

Não, eu não posso.

Eu não posso dirigir
uma companhia,
porque eu mesma
estou perdida."

Eu não queria mais dançar.

Eu dançava pra ele, o Cranko.

Como é que eu ia ser diretora,
e primeira bailarina

ao mesmo tempo?

E a companhia disse,

"Não, nós queremos você.
Você dança o que você quiser,

mas queremos você."

E eu comecei a dirigir

a companhia,

e fiquei dirigindo a companhia,

até 1996.

O amor pela dança

foi mais forte, né.

E também...

de não abandonar uma companhia

que ele tinha criado, né.

E que eu tinha criado com ele.

Eu, Richard Cragun,

Egon Madsen,

Birgit Keil, todos...

criamos essa companhia com ele.

Naquela época, ninguém sabia para onde o futuro nos levaria,

mas você podia perceber,

você podia sentir, tudo que a Marcia é...

...como pessoa, como ser humano e como alguém forte.

Forte o suficiente para carregar a companhia.

E isso exige muita força e eu acho também, que naquele tempo,

dançar aquele ballet

e não entrar em colapso emocional, mas mostrar

o amor e a beleza de nossa arte.

E hoje que eu só dirijo,

que eu não danço mais

junto com a companhia,

vejo que é humanamente

impossível, dirigir e dançar.

Como a Márcia

conseguiu fazer isso

durante 20 anos, eu não sei.

Saber fazer

esse distanciamento, né.

Por que muitas vezes

quem dirige,

tem que tomar certas atitudes

que nem sempre é exatamente

o que a gente quer,
mas é o que é preciso
naquele momento.

Eu tinha todos
os melhores coreógrafos
trabalhando
com a companhia, né.
Mas eu queria
um ballet clássico.
Um clássico, mas uma nova versão
do clássico em certas coisas.
Para que, a companhia toda,
estivesse no palco.
Eu estava procurando...
Quem vai fazer a coreografia?
E foi o Richard que disse,
"Marcia por que você não faz?
Você sabe muito bem o que
você quer dizer ao coreógrafo,
do que você quer ou não quer."
E a companhia mesmo disse,

"Marcia faz, nós estamos aí

te ajudando, vamos."

E foi um momento maravilhoso,
maravilhoso.

E eu criei o papel da Carabós.

Carabós que é a fada má da...

da Bela Adormecida.

Foi um momento incrível.

Toda aquela cidade

de Stuttgart,

todos os políticos,

investiram tudo pra

ajudar essa companhia,

que nós continuássemos.

Vai, vai, vai.

Seria legal se você girasse.

Esse movimento?

Isso, está bom, isso mesmo.

Ela tinha uma habilidade incrível de nos dar confiança e coragem

e fazer você acreditar em si mesmo, quero dizer,
sem a Marcia eu realmente não estaria sentado aqui.
Não havia diferença de gerações nesse sentido,
porque é claro, ela era uma figura materna para mim,
ou alguém em quem eu podia confiar ou acreditar,
que acredita em mim.

Mas no estúdio nós éramos apenas dançarinos.

Você é minha mãe, você é minha melhor amiga,
você é minha diretora, você é meu amor.

E tomaram
os outros coreógrafos
importantes do mundo.
Os grandes coreógrafos
como Neumeier, Béjart,
Macmillan, Glen Tetley,
Hans van Manen,
que foram os que me levaram,
a continuar a grande carreira.
E me ajudaram,
eu como diretora da companhia,
que eles sempre me davam
os ballets deles.

Eles vinham montar
os ballets deles aqui.

E você segura ele, como se ele fosse cair.
Talvez possamos ver seu rosto um pouco, num close lateral.

É isso.

O Cranko, o MacMillan, o Béjart,
o John Neumeier,
todos eles são grandes nomes
da coreografia,
de criação, de novos ballets.
E eu trabalhei com todos eles,
eles criaram para mim.

Foram momentos
muito importantes,
nesses anos dela
como diretora.

Como ela encaminhava esses
coreógrafos todos, do mundo,
para fazer para ela
e para companhia.

Esse era o inusitado
do ballet de Stuttgart.
Era um polo,
era um imã que tinha.

A primeira vez que eu visitei
a Alemanha, foi em 75.
Fomos todos, papai, mamãe,
Paulo, eu, Eliana e o Gal,

passar o natal lá.

Menos o Luiz Carlos,
o irmão mais velho não pode ir.

E foi maravilhoso.

Aí voltei em 78, 79 e 80.

Comecei a me identificar muito
com a vida deles lá.

Até que em 81, Márcia percebeu
a minha infelicidade carioca,
e perguntou, "Mônica vamos,
vem passar 6 meses comigo."

Ela já tinha

se separado do Richard.

Eu não tinha
minha família comigo.
E eu via a maneira
como Mônica...
se contactava com os bailarinos,
ela tinha uma...
Os bailarinos a queriam muito.
E como ela me ajudava,
no pouco tempo
que ela esteve lá,
ela me ajudava muito.
E depois eu disse,
"Desculpa, mas eu quero...
eu quero você comigo."

Fui passar 6 meses
e acabei ficando 17 anos.
Fui responsável pela coordenação
e produção das turnês,
do ballet de Stuttgart.
Toda a minha infância,
eu não consegui ter
a minha irmã ao meu lado.

Mas essa minha escolha,
de ir morar com ela...
é a volta do tempo perdido.
Ela chegou no Chile
para dançar
como ela já fazia desde
o final dos anos 80
Ela e Richard,
pra dançar A Megera Domada,
dançar Romeu e Julieta.
Quando ela chega em 91, 92,
e a companhia tava
muito infeliz
e houve o convite.
Acreditem se quiser
a 16.000 Km houve o convite,
pra ela ser diretora
do ballet do Chile também.
E ela aceita.
Então foi um momento bem,
bem complexo.
E nesse momento,
ela conheceu o marido dela.
O atual marido dela,

que é o Günter Schöberl,
que era o meu professor
de Ioga.

Que eu apresentei à Márcia,
num momento bem frágil
da vida dela.

Nesse momento
da Márcia de decisão,
do que fazer da vida, porque ela
tinha o ballet de Stuttgart,
tinha o ballet do Chile,
e tava tendo muitas exigências
de ambas as companhias.

As companhias estavam infelizes,
porque não conseguiam
tê-la 100%.

E aí ela tomou uma decisão
muito importante,
ela falou,
bom eu não vou continuar
como diretora
do ballet do Chile,
mas também não vou continuar

como diretora

do ballet de Stuttgart.

Aí o mundo da dança parou.

"Como assim?"

Ela tava no auge,

ela fazia um trabalho magnífico

como diretora.

E isso aqui? Ah, sim.

Precisamos fazer.

O Buda está completamente torto, coitado!

O que tem ali dentro? Um sapato?

Não, é a borda de dentro.

Ah! Ah, sim. Melhor!

A Mônica desesperada,

que já tinha começado

a fazer Ioga com o Günter,

chamou o Günter

e disse, "Günter,

por favor, você vem pra cá

porque minha irmã,

eu não sei, ela quer largar
tudo e quer ir embora amanhã."

E o Günter então chega
dez e meia da noite.

Eu abri a porta,
e vejo aquela figura,
alto, magro,
com os cabelos todo
encaracolado assim.

Já me impactou né.

E ele me olha,
e diz, "Nossa senhora,
você tá deprimida,
tá mal, tá desiludida."

Ele disse, "Vamos começar
a trabalhar."

Isso já me pegou,
porque eu tinha uma confiança
nele tremenda, né.

E aí eu comecei a fazer
aula com ele todos os dias.

Todos os dias.

E nunca mais nos separamos.

Como ele vinha de um mundo
totalmente diferente do meu,
ele me ajudou, a não ficar
sempre com a mente,
só na companhia,
na dança, no ballet,
mas me levou
pra outros caminhos, né.
E quando nós nos casamos,
quase todos as pessoas diziam,
Ih! Esse casamento
vai durar 6 meses."
Estamos há 21 anos juntos.

Porque antes eu era uma pessoa que estava sempre no mesmo lugar.

E depois comecei a viajar pelo mundo inteiro com ela.

Ela estava sempre em destaque e quando começamos,
eu também passei a ter esse destaque ...
Então algumas vezes era...
Foi difícil.
Sim.

Ele é mais jovem

O que é importante também,

porque acho

que os homens envelhecem
mais rápido do que as mulheres.

Isso minha mãe sempre me dizia.

E como eu tenho

ainda muita energia,

e quero, ainda fazer

muitas coisas,

precisava de um homem

que pudesse estar comigo, né.

E ele tem muita calma.

E eu sou elétrica, né.

Então quando eu começo

a ser elétrica

ele vai e me acalma.

-Bravo!

Obrigado!

Teve uma relação

de quatro anos,

que foi com um cubano.

Uma relação de 16 anos,

que foi com o Richard.

E uma relação de 10 anos,

que foi com o Jean Christophe Blavier.

Era também

mais jovem do que eu.

Eu amei cada um deles,

de verdade.

De coração,

que até hoje eu os amo.

O Richard já faleceu,

mas era meu melhor amigo.

O Jean Christophe,

hoje é meu melhor amigo.

O Alfonso,

que foi durante quatro anos,

que também faleceu.

Mas senão, ele seria hoje

meu melhor amigo.

Eu não largou as pessoas, nunca.

O Günter não acreditava,
em anões,
em, né?
Em fadas...
e foi há não sei
quanto tempo atrás...
caminhando aqui sozinho,
ele viu, em cima da casa. Não?

Você quer dizer: os anões.

Sim. Exatamente lá em cima.

Em cima da casa ele viu,
pequenos...
que saltavam,
e desde aí ele acredita.

E eu desde pequenininha tenho...
fascinação com gnomos,
com fadas.
Pra mim eles estão aqui,
são meus amigos,
eu peço proteção.

Em 1996 eu deixei a Stuttgart.

Depois os dois anos,

que eu não fiz nada de ballet,

foram viagens com meu marido.

E também construindo

a nossa casa.

Eu tinha esquecido da dança.

E esse aqui foi o bailarino,

o homem, que...

no mundo da dança,

que me ajudou muito no momento

que eu abandonei

a dança clássica,

saí do ballet de Stuttgart.

E depois que comecei

a trabalhar com ele.

É um outro brasileiro.

Ismael Ivo,

e ele é puramente dança-teatro.

Então eu comecei

a trabalhar com ele,

e entrei num mundo

totalmente diferente.

Tive que aprender

outra maneira de ser.

Ele vinha de um caminho,

eu vinha de outro,

nos encontramos,

e aí fomos criando

um novo caminho para nós dois.

E foi muito lindo.

O que ele fizeram?

Desde hoje de manhã.

Desde esta manhã,

Você faz o passo..

Você segura assim, veja.

E agora ela sobe.

Você segura assim.

Agora sobe.

Márcia!

Márcia!

O Bejárt fez pra mim

uma criação em 2003,

que se chamava 'Madre Tereza

e as crianças do mundo.'

E viajei pelo mundo com isso.

E foi justamente,
quando devíamos ir ao Chile,
que o Chile cancelou.
E eu como já tinha a passagem,
eu disse pro Günter,
Vamos, você vai conhecer
o Chile,"
tínhamos uma semana livre.

A Lula, pra mim,

é a pessoa mais importante desta casa,
porque foi ela que me trouxe.
Só estou no Chile
porque foi ela que me trouxe.

Sim. Se estou aqui

é por causa desta senhora.

Te persegui por anos.

Eu tenho essas coisas meio exotéricas
e consultei uma amiga que lê o Tarô.

Veja, abra-me o Tarô com somente uma pergunta:

Que diretor ou diretora necessitamos para o Ballet de Santiago.

Uma Mulher.

Necessita de uma mulher.

Ela está no mundo,

mas não está neste continente, está em outro continente.

É uma pessoa que conhece o Chile,

que já esteve no Chile e seu nome vai consolidar o Ballet de Santiago.

Eu me esqueci dessa situação.

Passou um mês e de repente Marcia me telefona

contando que viria se apresentar no Chile, mas os

espetáculos foram suspensos.

Mas que ela gostaria de vir ao Chile, porque

havia deixado uma mala, quando esteve aqui, há quase 10 anos antes.

Essas coisas que assim, num segundo: Marcia é a mulher!

Eu vim primeiro

pra ficar 4 anos,

e pagar a minha dívida

que eu tinha,

interna com o Chile.

Depois me deram um contrato

para mais 4 anos.

Depois me deram um contrato

para mais 2 anos.

Quer dizer,

aos poucos fui ficando,

e até hoje eu não digo que

eu vou ficar no Chile,

eu não sei...

não sei o que

eu vou fazer depois.

Me perguntam,

onde que você gostaria de ficar?

Eu digo, "Eu não sei,

o mundo é a minha casa."

Ai que lindo!

O que é específico de Marcia não é somente que nós a respeitamos.

Respeito-a pelo que é, pelo que representa no mundo da dança.

O mundo inteiro a quer.

Eu não conheço uma companhia,

eu não conheço um coreógrafo,

eu não conheço herdeiros de coreógrafos,

tão importantes: Béjart, Cranko e etc,

que não tenham uma relação de carinho profundo por ela.

Uma relação de coração com Marcia.

E isso facilita consideravelmente as coisas porque há uma competição entre as óperas, entre os teatros no mundo. É muito difícil ter uma coreografia de Béjart, é muito difícil fazer uma coreografia de Cranko e Marcia! É assim uma chamadinha por telefone e já está!

Eu, como chileno, sinto-me muito privilegiado.

Creio que é uma honra.

Creio que é uma sorte.

Quando ela compartilha com você sua vivência, o que não é sempre.

À noite conversávamos sobre

"As Cadeiras", uma coreografia que dançou com John Neumeier.

Neumeier dançava uma coreografia que era Béjart

e quando começavam a ensaiar, estava no ensaio:

Maurice Béjart, John Neumeier, ela e Ionesco.

O próprio Ionesco,, autor de "As Cadeiras".

Então você se dá conta que ela foi uma artista privilegiadíssima e que trabalhou com o melhor.

É uma trabalhadora incansável.

Incansável.

Pablo Aharonian

professor de ballet e coreólogo

E não se confia "ah, sou Marcia Haydée".

Não.

Estávamos atrasados com os figurinos colocando adornos
quando ela começou a costurar.
Estavam todos.
Estava Lula, estava Pablo Aharonian,
estava um montão de gente do ballet no escritório e
estávamos todos costurando um figurino, morrendo de rir na verdade.

Isto é histórico!

Ela gostou e disse: “Esse adorno foi eu que coloquei”

Quando trabalhamos em coreografia que ela fez para Companhia
foi realmente um canal,
Marcela Goicochea
ex-primeira bailarina e atual professora do Ballet de Santiago
para eu descobrir, internamente, para que servia o personagem.

Trata-se disso, ela não se impõe.

Provavelmente porque ela é intuitiva e sempre foi intuitiva como bailarina.

Pra bailarina

que vai fazer o meu papel,

eu passo exatamente

tudo o que o Cranko me disse.

Mas ao mesmo tempo,

dando a essa pessoa, a mesma
liberdade que Cranko me deu.

Porque senão

não vai funcionar.

Não é mudar a coreografia,

mas encontrar o caminho,

que a próxima artista, possa
pôr sua própria interpretação.

É isso que o Cranko queria.

Eu não acredito

numa companhia,

hoje em dia no mundo,

puramente clássica.

Acho que os bailarinos

têm que ser abertos para tudo.

musical, contemporâneo,

o que for.

Então isso foi o meu trabalho

aqui no Chile.

Eu abri,

a entrada da dança contemporânea

no Teatro Municipal.

Estar aqui na terra,

é como se você estivesse

numa escola, numa universidade.

Aprendendo a cada

dia que passa

você está aprendendo

alguma coisa né.

E eu seria muito boa mãe,

mas a maneira como eu sou,

que o meu trabalho

e eu sei como eu...

vivo daquele trabalho,

não teria sido certo

pra criança e pra mim.

Na época que eu quis ter filhos,

que foi em Stuttgart,

Eu na Alemanha

e minha família no Brasil.

A família do Richard

tava nos Estados Unidos,

então era impossível.

Então eu resolvi não.

Disse,
deixei isso pra próxima...
pra próxima vida,

mas na próxima vida,

eu quero ter muito filho.

Não, eu acho que,

eu falo, falo, falo,

mas na outra vida
eu vou ser bailarina outra vez.
Com certeza.
Já tá..
na minha aura,
já tá na minha energia.
Mas quem sabe,
não sou eu que decido, né.
Tem uma força maior
que decide por mim,
e eu sigo o que
a força decide.
Eu tenho essa capacidade de..
de chegar até o fim
da minha vida desfrutando
cada momento que eu passo.
Dia bom, dia mau, e aprendo
mais com os dias que são ruins.
Que aí eu tive
que procurar como passar,
o problema
que eu estou passando,
ou como enfrentar o que vem.

Oitenta anos

é uma idade muito especial.

Primeiro,

eu gosto do número oito.

Gosto do número zero.

E 80 então,

eu acredito

que a vida vai me dar,

o que eu ainda não tive.

De verdade, eu tenho--

Eu acredito

que o melhor ainda vem,

ainda está pra vir.

E isso é uma coisa

que eu sempre digo,

eu acordo de manhã,

ponho meu pé

fora da cama e digo,

o melhor ainda não chegou.